

## QUIXOTE E QUARESMA: INADEQUAÇÕES OPOSTAS E SENSÍVEIS

*Jakeline Fernandes Cunha de PAULA (UFU/USP)\**

**Resumo:** O objetivo do artigo é fazer uma leitura comparativa entre os personagens emblemáticos *Dom Quixote*, de Cervantes e *Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto. As semelhanças e, principalmente, as diferenças entre eles serão discutidas a partir da Teoria do Romance de Georg Lukács (2000). A diferença na concepção de literatura brasileira e estrangeira é apontada por meio da configuração dos dois personagens: enquanto a construção de *Quaresma* filtra um contexto sócio-político-cultural, a construção de *Quixote* é livre de problemas quanto à representação da realidade espanhola.

**Palavras-chave:** *inadequação, idealismo, aventura cômica, aventura séria, identidade, degradação.*

### 1. Certas afinidades das (e)ternas *Tristes Figuras*

*Dom Quixote*, de Cervantes, é o primeiro grande romance da literatura mundial, conforme Lukács (1965), e *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, é uma das maiores realizações estéticas da literatura brasileira de todos os tempos, ao iniciar a linha do realismo crítico nacional-popular no país, no dizer de Coutinho (1972).<sup>1</sup> Conseqüentemente, *Quixote* e *Quaresma* são personagens emblemáticas que merecem ser revisitadas pelo valor simbólico que cada uma assumiu na história da literatura nacional e universal, respectivamente.

Numa leitura comparativa, percebemos muitos pontos de contato entre essas duas personagens, tais como a loucura, a condição

---

\* Professora contratada do ILEEL na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Aluna do Mestrado do Departamento de Teoria Literária da USP, sob orientação do Prof. Dr. Fábio de Souza Andrade. Endereço eletrônico: Jakelinecunha@yahoo.com.br.

<sup>1</sup> O título original da obra de Cervantes é *El Ingenioso Hidalgo don Quijote de la Mancha* e a primeira edição foi publicada em 1605 e a segunda em 1615, sendo que a obra completa foi impressa em 1617. *Triste Fim de Policarpo Quaresma* foi publicado, inicialmente, em folhetins do *Jornal do comércio* do Rio de Janeiro, entre 11 de agosto e 19 de outubro de 1911. Somente cinco anos depois saiu em volume.

social (sem riqueza ou prestígio na sociedade, um quase camponês e outro funcionário público) e cultural (mesmo que não possuem títulos importantes são amantes da leitura), a idade (por volta dos cinquenta anos), a solidão (sem esposa, filhos e com poucos amigos) a busca de referência (identidade), os livros como base de suas ações – que, aliás, encerram uma trajetória antinômica de entusiasmo e fracasso, ilusão e desilusão. Outra semelhança é o saudosismo por uma realidade integrativa voltada para valores morais, interiores, essenciais, afetivos, uma vez que almejam voltar a um passado regido por uma organização mais original e tradicional. Neste sentido são personagens modernas e, por isso, fragmentadas, bizarras, excêntricas e degradadas pelo mundo exterior individualista.

Quixote e Quaresma são exemplos vivos da constituinte romanesca em que realidade/fantasia, razão/loucura, presente/passado, alma/mundo formam um único princípio nas suas configurações. Ambas as personagens refletem a inter-relação no confronto entre a ilusão (busca de um mundo natural) e uma realidade cotidiana oposta a essa ilusão de caráter subjetivo. Todavia, a relação “problemática” dessas personagens apresenta inadequações inversas. De acordo com Lukács (2000, p.99), a “aventura tem *grosso modo* dois tipos: a alma mais estreita ou mais ampla que o mundo exterior”. Veremos, a seguir, que as duas personagens negam o mundo moderno, porém de maneira diversa.

## **2. Inadequação de Quixote: hipertrofia exterior e atrofia interior**

A grande insensatez de Quixote é a de lutar por um contexto histórico irremediavelmente liquidado. Vivendo na primazia do capitalismo (época da formação das cidades, configuração de um novo espaço social e/ou substituição da obediência medieval pelo individualismo), a personagem realista de Cervantes deseja retornar à Cavalaria, ou seja, a um quadro de referência ultrapassado. Como “forma social”, “aparato externo” e “tema literário”, esse quadro transforma-se em algo em que não se acredita mais – mitologia (DANTAS, 1979, p. 35). Dom Quixote da Mancha, revoltado com a sua condição de fidalgo sem função, deseja vingar desse novo mundo de “convenções e conformismos” (GOLDMMAN, 1976, p. 9). Incita o confronto com esse mundo na tentativa de fazer emergir aquele tempo perdido: foge deixando para trás seu cotidiano, sua casa, seus negócios, seu nome de nascimento, sua ama e sobrinha.

Dom Quixote só não esqueceu de acrescentar ao seu novo

nome o da “sua terra” (*La Mancha*), “com o que, ao seu parecer, declarava muito ao vivo sua linhagem e pátria” (CERVANTES, 2003, p. 33). Dom Quixote vivia “num lugar de La Mancha, de cujo nome não quero lembrar-me”, diz o narrador, detentor do ponto de vista da narrativa, que observa os atos e pensamentos da personagem em posição privilegiada (Ibid., p. 31). *La Mancha* lugar, portanto, “incerto”: uma aldeia esquecida em uma província ensolarada da Espanha. Um lugar inominável (...), para falar com Fuentes (2005, p. 3).

A paixão desmedida pelos romances de cavalaria (e, depois saberemos, também por outros gêneros de poesia e ficção) transtorna os miolos de Quixote: a bela literatura de imaginação provoca um distúrbio mental, pois a personagem sofre de uma loucura de junção “desusada”, segundo Auerbach (1971, p. 306), que combina a “prudente moderação” identificada na sua sabedoria, bondade, decência, nobreza e dignidade e a “absurda imoderação”. Esta última é vista no seu ilógico plano de ser cavaleiro andante, e que muitas vezes o fez agir como um autômato, aproximado de um tipo cômico comum que denota tolice, baixeza e às vezes crueldade, de acordo com Auerbach. De qualquer maneira, essa loucura diferenciada transfere Quixote, sem tirá-lo da existência espanhola contemporânea (base de suas aventuras), para um outro mundo de vida puramente imaginária, uma espécie de existência transcendental, “situada para além do tempo”, para usar a expressão de Lukács (2000, p. 137).<sup>2</sup>

Assim, a grande sinfonia de temas que lera e levava na imaginação encontra plena harmonia, equilíbrio e unidade na sua loucura: formoso mundo que continuamente torna grotesco ao contrastar com a realidade comum. Ao sair de casa na busca de aventuras, “o que lhe vem ao encontro são as coisas e seres humanos que a casualidade põe em seu caminho, nem mais nem menos que aos demais homens” (ONÍS, 1956, p. 26). Perceberemos, no decorrer da análise, que a sua problemática (loucura) e a sua trajetória isolada, de fundo idealista,

<sup>2</sup> É uma ironia de Cervantes, pois “os caminhos para uma pátria transcendente tornaram-se intransitáveis” na era moderna, ou seja, “as atitudes eternas e os conteúdos eternos perderam o sentido uma vez passado o seu tempo; de o tempo poder passar por cima do que é eterno” (LUKÁCS, 2000, p. 107). É o início da época em que o “deus do cristianismo começava a deixar o mundo; em que o homem torna-se solitário e é capaz de encontrar substância apenas em sua alma, nunca aclimatada em pátria alguma (...)” (Ibidem, p. 106). A inadequação entre a consciência e o mundo, alma e aventura, explica-se por essa falta de reciprocidade transcendental. Daí a fé contundente e divina tornar-se loucura, o puro heroísmo tornar-se grotesco. Dom Quixote converte, por meio da paródia, essa relação transcendental em algo banal e sem sentido, uma monomania, segundo Luckács.

não ratificam uma significação ampla – coletiva. No desvario de suas ações, arremete-se contra alvos imaginários, inexistentes.

A personagem realista Quixote vive o “idealismo abstrato” lukásiano, ao encerrar em sua mente, como em um castelo, o mundo encantado dos livros. Preso nesse mundo criado pela sua imaginação, evidencia, assim, um tipo de “consciência demasiado estreita em relação à complexidade do mundo” (GOLDMANN, 1976, p. 10). Inadequação que a leva interpretar tudo o que encontra no mundo real como algo da aventura cavaleiresca. Como diz Onís: “encheu-lhe a fantasia de tudo aquilo que lia nos livros, veio acreditar que eram verdades aquelas invencionices sonhadas, e se dedicou a pô-las em prática, isto é, a viver como se fossem verdades” (GOLDMANN, 1976, p. 25).

A aventura de Quixote é, portanto, de aparência fabular, mágica, imaginária, ou melhor, positiva e dinâmica. Esse tal mundo imitado dos livros é um mundo pleno de vida, pois a loucura de Quixote “dá vida a tudo o que toca e levanta tudo o que vê a um plano superior, ao desenvolvimento perfeito do que é a coisa. As coisas transformam aos seus olhos no que deveria, ou quereriam ser” (Ibid., p. 26). Pode-se observar, por exemplo, que até aos cinqüenta anos o fidalgo era um homem ocioso e triste; depois das leituras e do seu absurdo plano de querer “obter à força a função condigna com o seu estamento” (AUERBACH, 1971, p. 120), nasce para uma nova vida, aliás, marcada pela “incerteza”, a começar pelo nome: de Alonso Quijano, o Bom, passa vulgarmente a ser chamado de Dom Quixote de *La mancha* (aliado a esse novo nome aparece também, no decorrer da leitura, Quijana, Quesada ou Quejana, mas nunca o seu nome de batismo, que só descobrimos no final de suas aventuras).

Igualmente nascem as esquecidas armas<sup>3</sup> “desgastadas de ferugem” que tinham sido de seus bisavôs, o rocim fraco torna Rocinonte, a moça lavradora Aldança Lourenço “e quem ele em tempos andara

<sup>3</sup> Vale lembrar que as armas para esse engraçado cavaleiro são “as defensoras naturais da república, as conservadoras dos reinos (...) das cidades (...)” (CERVANTES, 2003, p. 257). As palavras pátria, reinos, cidades e república, que aparecem no decorrer da leitura da obra, evidenciam a idéia de nação na realidade espanhola do século XVII. Segundo Hobsbawm “antes de 1884, a palavra *nación* significava simplesmente ‘o agregado de habitantes de uma província, de um país ou de um reino’ (...)” (2002, p. 27) . O autor aponta também, baseado no dicionário espanhol de 1726, que a palavra pátria ou *tierra* (uso mais popular) nomeava “apenas ‘o lugar, o município ou a terra onde se nascia’, ou ‘qualquer região, província ou distrito de qualquer domínio senhorial ou Estado’” (Ibidem, p.28). Hobsbawm objetiva mostrar que até o século XIX a *tierra* (pátria) não correspondia a um Estado ou corpo político ligado a um todo. Esse conceito de nação engendrada na perspectiva da ideologia liberal (Estado-nação) está contido na obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto.

enamorando, ainda que, (...) ela nunca soube...” transforma em Dulcinéia del Teboso, *La senõra dus sus pensamientos* (CERVANTES, 2003, p.33- 4). A obra de Cervantes é como a realidade mutável e instável, tudo é incerteza; até mesmo a autoria é colocada em suspeita: quem é o verdadeiro autor desse livro, perguntamos: Cervantes? Saavedra? Cide Hamelte Benengeli? O incógnito escriba mouro? Neste sentido, importa destacar que a recusa da categoria “autor” (e, portanto, de autoridade) exposta por Barthes, Foucault, Derrida, entre outros, no século XX, já havia sido relativizada por Cervantes três séculos antes.

Tudo na obra é transformação, tudo que Quixote encontra em seu caminho é metamorfoseado de acordo com a sua ilusão, as coisas vivem por si mesmas: as vendas serão castelos, as rameiras serão damas, a bacia do barbeiro será o elmo de Mambrino, a gruta será a cova de Montesinos, os moinhos de vento serão os gigantes, os inimigos serão os nigromantes – espíritos malignos. Fica claro que a sua doidice, como incentivo idealista, “dissolve tudo, converte o mundo real e cotidiano num palco hilariante” (AUERBACH, 1971, p. 307). Seu jogo com o mundo não transmite tristeza, só alegria e diversão.

É curioso constatar que Quixote, enclausurado nos domínios desse pequeno mundo imaginário, vive uma aventura de excessiva ação. Um aventureiro que, segundo Lukács (2000, p. 102), “transforma a alma em pura atividade”: seus atos ininterruptos são voltados para fora no sentido trivial e superficial, ou seja, despidos de profundidade e contemplação de dentro. Em outros termos, sua batalha grotesca traduz um movimento incessante – atitudes de total irrequietação – que o desprovê de reflexão e/ou interiorização. Vê-se, portanto, na configuração do herói a intensificação da ação em detrimento da alma (eu): a idéia fixa promove uma dilatação exterior que adormece o interior de Quixote provocando um “estreitamento”, como já dito, da consciência em relação aos acontecimentos da realidade objetiva. Torna um brinquedo – um brinquedo – apavorado a correr no mundo, ou melhor, na península ibérica – na Espanha e em toda a Mancha.

Neste sentido, o idealismo quixotesco, embora sustentado numa realidade comum (fator que o diferencia da épica cavaleiresca cortês)<sup>4</sup>, é inconciliável com essa mesma realidade, pois “o mundo que ele

<sup>4</sup> De forma debochada Quixote vive, concomitantemente, uma aventura que remonta a um tempo antigo, mundo vinculado às modalidades religiosas de pensamento, todavia dentro da realidade espanhola já vinculada aos primórdios do iluminismo, da “secularidade racionalista”

depara não está só pleno de vida, mas também da aparência daquela vida” (LUKÁCS, 2000, p. 102). Mesmo que as suas aventuras – ações – tenham como palco uma paisagem sociológica (em que aparece o conjunto da sociedade espanhola e seus costumes) há muita pouca fundição do seu mundo imaginário com esse mundo de fora. Ele tem a visão das “circunstâncias factuais da vida, porém ela o abandona tão logo o idealismo toma posse dele”, conforme Auerbach (1971, p. 300). Desse modo, seu idealismo nobre e puro (mas descabido) não se converte em um tipo de ação que importuna e atinge ou questiona os valores paradoxais da realidade cotidiana.

Com efeito, Quixote arraigado na sua ilusão sempre encontra uma saída, um escape, uma solução ou um “refúgio quase instantâneo” para não acordar para a realidade vulgar (AUERBACH, 1971, p. 297). Interpreta todos os acontecimentos de acordo com seu idealismo: incrustado na sua ilusão (não ouve sequer Sancho, que pode ser visto como a voz da sua consciência) busca sempre uma explicação coerente para interromper um possível “choque, que teria como consequência uma loucura mais profunda; também poderia, através do choque, levar à cura, à libertação instantânea da idéia fixa” (Ibid., p. 297). A tragédia ou a cura são experiências evitadas por Quixote, prefere o *continuum* da ilusão, da alma puramente épica.

Neste sentido, a sua busca pelo desejável apresenta um absoluto liame com a falta de bom senso: suas “aventuras isoladas e perfeitas em si mesmas” são quase “atemporais, livres de atmosfera” (LUKÁCS, 2000, p. 137). A loucura de Quixote propicia a origem de um “mundo reformulado, cuja ação que dele resulta pode atingir apenas esse mundo reformulado”, segundo Lukács (2000, p. 101). Apesar, então, de Quixote viver sua autenticidade interior no solo da realidade objetiva, não intervém na mesma, ou seja, seu equilíbrio pouco rompe, pois esse equilíbrio é assegurado pelo isolamento dos seus atos no mundo recriado. O preço, portanto, que paga para viver no mundo real a sua aspiração, de querer fazer renascer a ordem cavaleiresca, é quase nulo. Os momentos que parecem ser trágicos e dolorosos sempre

---

(ANDERSON, 1989, p. 19). Essa incompatibilidade delinea a confusão e a inovação de Quixote em relação às Novelas de Cavalaria. Devemos lembrar que, diferente do romance (gênero originado a partir do advento da burguesia que pormenoriza as descrições das circunstâncias), as aventuras do herói antigo não passavam numa realidade qualquer, real e cotidiana, que abarcasse o real de forma ampla e profunda. “O mundo da provação cavaleiresca é o mundo de aventuras. Ele contém somente uma série quase ininterrupta de aventuras, mas também, e, sobretudo, nada além do que pertence à aventura. Nada que não seja cenário ou preparação para ela. É um mundo criado e preparado para a provação do cavaleiro” (AUERBACH, 1971, p. 118).

“acabam tendo um final hilariante, e sempre os danos que Dom Quixote causa e sofre”, como as sovas e as pedradas, “são tratados como confusões cômicas, com graça estoica” (AUERBACH, 1971, p. 303).

As circunstâncias da lucidez e da morte de Quixote demonstram esse tom de humor e ironia que prevalece em toda obra. No fragmento abaixo, observamos que a lucidez da personagem, a consciência da inutilidade da sua busca, aparece depois de um tranqüilo sono e é atribuída não a uma auto-reflexão, mas a sua fé católica:

– Chamaram os seus amigos o médico (...) Pediu Dom Quixote que o deixassem só, porque queria dormir um pedaço (...) dormiu de uma sentada mais de seis horas, tanto que a ama e a sobrinha pensaram que não tornaria a acordar. Despertou ao cabo do tempo já referido e, dando um brado, exclamou: – Bendito seja o poderoso Deus, que tanto bem me fez. Enfim as suas misericórdias não tem limites e não as abreviam nem as impedem os pecados dos homens. – Que diz Vossa Mercê, senhor? (...) – As misericórdias, sobrinha (...) Tenho o juízo já livre e claro, sem as sombras caliginosas da ignorância com que me ofuscou a minha amarga e contínua leitura dos detestáveis livros de cavalaria. Já conheço os seus disparates e os seus embelecos e só me pesa ter chegado tão tarde este desengano (CERVANTES, 2003, p.674).

A morte de Quixote é serena, natural e assistida (amparada) pelas pessoas próximas que o estimavam e, ainda, tem confissão, testamento e epitáfios. É uma morte calcada no solo do cristianismo, cojejada por um tom cômico e que gera pouca compaixão:

Cerrou com isto o testamento e, dando-lhe um desmaio, estendeu-se na cama. Alvorotaram-se todos e acudiram a socorrê-lo; e em três dias que viveu depois em que o testamento, desmaiava muito amiúde. Andava a casa alvorotada; mas, com tudo isso, a sobrinha ia comendo, a ama bebendo e Sancho pança folgando, que isto de herdar algo dissipa ou modera no herdeiro a lembrança do sentido que é a razão deixe o morto. Cegou, afinal, a ultima hora de Dom Quixote, depois de recebidos todos os sacramentos e de ter arrenegado, com muitas e eficazes razões, dos livros de cavalarias. Estava presente o tabelião, que disse que nunca houvesse morrido no seu leito, tão sossegado e cristãmente como Dom Quixote, que, entre os suspiros e lágrimas dos que ali estavam, deu a alma a Deus: quero dizer, morreu (CERVANTES, 2003, p. 677).

A revolta e o espírito de vingança de caráter “aprobemático” de Quixote contra o mundo finalizam com a lucidez: pouco antes de morrer cai em si, pede perdão a Deus e morre acreditando na salvação de sua alma. Pouco antes de falecer, Quixote volta a ser o fidalgo sem função Alonso Quijano, o Bom.

Como paródia da Cavalaria, Quixote, mesmo sendo uma per-

sonagem de “vida real” que percorre nas suas andanças um mundo factual mutável (exigência da figuração romanesca), isola-se em um mundo imaginativo. Seu idealismo de caráter insensato não reflete um contexto político-social específico. A loucura de Quixote não pode ser vinculada a uma problemática ampla: é uma personagem particularizada, pois suas incontáveis aventuras nos conduzem diretamente ao seu idealismo. Em outras palavras, suas ações desembocam num movimento único, de sentido positivo e cômico, incapaz de tocar os fundamentos da representação da realidade espanhola.

Como personagem problemática nos termos lukácsianos, evidentemente, a construção quixotesca alterna equilíbrio e desequilíbrio, crença e descrença, exaltação e melancolia, ilusão e desilusão, alma e mundo. Inadequações que permanecem no romance, porém explicitadas de modo diferenciado: sua loucura parece filtrar o pessimismo e o trágico. O negativo é sempre contaminado pela alegria. Embora o amargo não esteja ausente, a obra não lhe dá tônica. Ou seja, fatores da trajetória de Quixote, tais como o mundo real (cimento de suas ações), a loucura, a procura malograda de Dulcinéia, (símbolo e síntese do amor cortesã), as circunstâncias da lucidez e da morte, encerram à primeira vista tristeza e melancolia. Entretanto, são fracassos que, diluídos por causa do isolamento das múltiplas – labirínticas – aventuras da personagem, ganham um tom hilário e irônico. Tudo termina numa divertida brincadeira, confusão. Tudo está sob o efeito da paródia.

O livro de Cervantes “pedra fundamental do romance como evolui desde o século 17” (FUENTES, 2005, p. 3) torna-se, a partir do século XIX, momento em que alargou a concepção da arte literária para incorporação dos novos gêneros literários, obra imortal atingindo o ponto mais elevado da literatura universal. Nasce com *Dom Quixote* o fundamento do romance, ou seja, a configuração “problemática” do herói/anti-herói moderno. O romance surge, assim, como o espaço privilegiado da “incerteza”, da ambigüidade sem fim entre a personagem (“eu”) e o mundo.

Mesmo antecipando, portanto, concepções modernas, como o humor, a ironia, a “inadequação” e a presença da realidade comum no enredo da obra, o ofício de escritor para Cervantes não era senão o de provocar no leitor o divertimento “culto” e “honesto”, segundo as expressões de Auerbach (1971, p. 313). Nas palavras de Lukács (2000, p.104), “em lugar de uma grande épica, surgiu uma grande obra de entretenimento”. A manifestação suprema da arte literária para Cer-



vantes está no plano do cômico.<sup>5</sup> Por isso é que tratar a loucura de Quixote (eixo de toda obra) simbolicamente ou tragicamente é “um ato de violência”, já que a obra em si é “livre de crítica e problemas na representação da realidade quotidiana” (AUERBACH, op. cit., p. 314).

A verdade é que a crise da sociedade moderna manifestada no romance foi iniciada com Cervantes, em *Dom Quixote*, no século XVII. Essa mesma crise repete-se, embora em contexto e em sentido diversos, em vários outros autores, como em Lima Barreto na sua obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, no século XX. Como Quixote, sua personagem principal também nega o mundo moderno, mas, como veremos, de maneira diferente.

### **3. Inadequação de Policarpo Quaresma: atrofia exterior e hipertrofia interior**

Aos cinqüenta anos, o fidalgo de *La Mancha* arquitetou, de repente, o seu despropositado plano de ser cavaleiro andante depois de ler, ler, ler, dia e noite, livros divertidos e imaginativos desse gênero. Ou seja, teceu “disparates, todos pelo teor dos que havia aprendido nos seus livros imitando, conforme podia (...)” (CERVANTES SAAVEDRA, 2003, p. 35). Diferente, Policarpo Quaresma “desde moço aí pelos vinte anos o amor da pátria tomou-o todo inteiro” (BARRETO, 1983, p. 21). Já marchava para os cinqüenta e o seu amor a ela ainda o consumia, era a razão de seu viver. Esse sofreu de um drama que envolveu não só a si mesmo, mas, principalmente, todo um corpo social: “durante os lazes burocráticos, estudou, mas estudou a Pátria, nas suas riquezas naturais, na sua história, na sua geografia, na sua literatura e na sua política” (Ibid., p. 22). Foram anos de profundas meditações e observações: seus empreendimentos (“as medidas progressistas” de sentido conservador) eram antecidos por um criterioso estudo e análise de seus livros. Ele não imitava o que lia nos livros, como Quixote, mas refletia e formava conclusões próprias. A personagem barretiana pode ser, em muitos aspectos, o representante do “romantismo da desilusão”, o outro tipo teorizado por Georg Lukács na sua *Teoria do Romance*.

---

<sup>5</sup> No prólogo da obra, Cervantes deixa claro que o propósito do livro é fazer com que “o melancólico se alegre e solte risada, que o risonho quase endoideça de prazer, o simples se não enfade, o discreto se admire da vossa intenção, o grave a não despreze, nem o prudente deixe de gabá-la” (2003, p.18).

O interesse de Quaresma por obras brasileiras, pela nossa história e tradições já revela uma intenção, apesar de ingênua, mais séria e sensata, ou seja, voltada para uma realidade imediata. Sua busca por totalidade está num âmbito muito mais voltado para o coletivo do que para o individual. Busca identidade nacional: deseja regressar a tradição, a uma realidade mais “orgânica”, natural e autêntica sem perder a consciência dos fatos reais, cotidianos. O idealismo de Quaresma, diferente do de Quixote, é de aparência mais real: o seu sonho reformista de salvar o país, ou melhor, a tentativa de atuação no meio social de seus três projetos constitucionais (de ordem cultural, sócio-econômica e política) não acontece milagrosamente aos seus olhos no que queriam e desejariam ser. O seu sonho também não “converter” tudo em um jogo alegre e de pura brincadeira. Em outras palavras, “não se trata aqui de um a priori abstrato em relação à vida, o qual deseja realizar-se em ações e cujos conflitos com o mundo exterior rendem a fábula (...) trata-se de um a priori concreto, qualitativo e pleno de conteúdo em relação ao mundo exterior (...)” (LUKÁCS, 2000, p. 117).

O idealismo da personagem de Barreto concilia-se ao contexto histórico nacional. De antemão, nota-se que a idéia fixa do nosso major não fica restrita – isolada – no seu mundo subjetivo. Conforme Carmem Lydia de Souza Dias, “o autor mobilizará um referencial adequado à reconstituição histórico-ficcional forjando um espaço favorável de confronto entre o patriotismo ufano/abstrato do Major Policarpo e a realidade do cotidiano nacional” (1983, p. 8). Suas aventuras processam-se como as de Quixote no seio de um quadro social, mas, diferente deste, suas ações atingem e importunam esse mesmo quadro.

Seu idealismo filtra, portanto, uma realidade concreta e específica, ou seja, nacional. Ao contrário de Quixote, nosso patriota não muda de nome e não foge do seu cotidiano – não deixa tudo e todos para trás ao tentar atuar seu plano. Quaresma, mesmo conservando hábitos excêntricos desde jovem e visto por todos como “esquisito e misantropo”, segue em muitos aspectos uma rotina de pessoa comum: trabalha, volta todas as tardes para a sua casa no subúrbio carioca onde mora com a irmã Adelaide, lê nas horas vagas, bate papo com os amigos, com o compadre e a afilhada. Vive no Rio de Janeiro, então capital do Brasil, em fins do século XIX e nos primeiros anos da República de Floriano Peixoto.

Vale um parêntese, para avaliar em linhas gerais, esse momento histórico que é cimento das ações de Quaresma: os primeiros anos da República são marcados por profundas contradições que faziam

convergir o arcaico e o moderno, o erudito e o popular, o nacional e o estrangeiro. O regime empestado de corrupção política e econômica suscitava agudos problemas, tais como opressão, nepotismo, arrivismo, clientelismo, cosmopolitismo profundamente identificado com a vida parisiense, bovarismo, ideologias como o jacobinismo, o florianismo e o positivismo e a absoluta miséria do povo e dos próprios intelectuais. Época que impulsionou os conflitos sociais e os motins. A razão desses últimos foi o início da política de “higienização” que expulsou o povo de certas áreas da cidade para os morros, pântanos, regiões desvalorizadas e sem infra-estrutura. As propriedades abandonadas serviam de quartel às forças armadas. Quaresma, aliás, ficou no interior de uma dessas propriedades ao participar da Revolta da Armada defendendo o governo. Enfim, é um tempo que consagrou, “a vitória da irracionalidade e da incompetência” (SEVCENKO, 1999, p. 87). Vale ressaltar que as prisões e os hospícios eram os principais tipos de isolamentos compulsórios utilizados pelas autoridades policiais, para ameaçar e conter a reação popular revoltosa com as arbitrariedades, brutalidades e indiferenças do governo em relação aos seus sofrimentos.

Ou, por outra, vê-se no novo regime o continuísmo da abstenção do povo dos seus direitos de cidadão (separados das importantes decisões histórico-políticas) e a não extirpação das velhas forças políticas: “a alteração social se faz mediante um reformismo ‘pelo alto’ que exclui inteiramente a participação popular”, sintetiza Carlos Nelson Coutinho (1974, p. 3). O autor denomina essa nossa conciliação com o atraso e o antidemocrático (formas do nosso desenvolvimento) de ‘via prussiana’ – expressão que Lênin utilizou para o capitalismo. A República brasileira confirma, assim, uma nova fase do “modelo prussiano”, devido ao *continuum* da postura tecnocrata e autoritária, do esquecimento da população pobre rural e suburbana, bem como da intolerância para com certos comportamentos tradicionais e/ou para com as formas de cultura popular. Fatores esses que, conseqüentemente, ocasionou ainda mais o distanciamento entre as diversas classes sociais. De fato, foi esse ambiente histórico-social enfermizo e intolerante que tornou grotesca e anti-heróica as atitudes sublimes do nosso herói Quaresma.

A deformação na configuração de Quaresma foi, neste sentido, a chave encontrada por Lima, para denunciar essa realidade caótica sustentada, tanto politicamente quanto culturalmente, em modelos importados. Configuração essa que deu cabo a uma crítica mordaz às formas destemperadas do regime que gerou mal estar, insegurança,

miséria, desamparo e nenhum respeito pela vida humana. Ou melhor, a excentricidade da personagem, que tomou forma de patologia perante esse contexto, permitiu revelar de maneira ampla e irônica, “as irracionalidades”, principalmente, quanto à projeção de um mundo e de uma cultura completamente diferente da nossa. Vale acrescentar que esse quadro cultural, social e político da Primeira República no Rio de Janeiro foi o lugar onde as mudanças foram mais acentuadas e que funciona na narrativa como metonímia do país.

Desse modo, ao mesmo tempo em que observamos na narrativa a negação do modelo de República vigente que prevalece o “desejo de ser estrangeiro”, vislumbramos a afirmação de um outro modelo de nação que denota “o desejo de ser brasileiro” (CANDIDO, 1971 apud SEVCENKO, 1999, p. 36). Daí a expressividade na construção de Quaresma do nosso passado, da nossa história, das nossas tradições e, principalmente, do universo popular dos subúrbios. “Se o subúrbio se configura como o núcleo mais autêntico da nação é porque é lá que está o povo brasileiro. E o povo não está lá por identificar-se com a geografia do lugar; ele foi obrigado, por uma política discriminatória, a se deslocar para essas áreas” (VELLOSO, 1988, p. 40). Nas palavras da autora, enquanto para as elites o povo e os costumes dos nossos antepassados “é sinônimo de atraso, um empecilho à projeção da sonhada metrópole” (Ibid., p. 40), para Lima o povo é sinônimo da nossa originalidade como verdadeira nação. A excentricidade na configuração de Quaresma nos faz enxergar a própria concepção de arte barretiana, calcada no popular e em valores mais humanísticos entre os homens. Valores esses destruídos pelo o novo modelo político de nação.<sup>6</sup>

Assistimos na configuração de Quaresma o choque do seu rico “núcleo interior” (COUTINHO, 1974, p. 39) com uma realidade social governada pelas elites, vazia de sentido – mesquinha. Por meio dos

<sup>6</sup> Autoritarismo, reformismo e conservadorismo são palavras que expressam o espírito de Quaresma (OLIVEIRA, 1990 apud SANTIAGO, 1982, p. 97). Neste sentido talvez se possa afirmar que Policarpo Quaresma tenta viabilizar um modelo de nação via centralização política, ou seja, um projeto político mais adequado ao solo cultural brasileiro. Sabe-se que a cultura do povo como a religiosidade (candomblé) e as festas (de Judas, da Glória, da Penha e do Bumba-meu-boi), bem como todos os hábitos coloniais (o violão, a figura do trovador, do negro e do próprio índio) tinham um maior abertura no Estado monárquico. Estado que possuía elementos de caráter mais integrativos, devido a sua própria estrutura de formação centralizadora. Havia entrosamento, convivência das classes distintas – branco, negro, popular e elite – “representada pelas relações de grupos familiares, grupos clânicos, comunidades vicinais, relações de compadrio ou relações senhoriais de tutela. (...), ou seja, havia “sentimentos de solidariedade

seus três empreendimentos, de ordem cultural, sócio-econômica e política, ele tenta converter esse “núcleo interior” em ações concretas imediatamente sociais. Abaixo as três experiências de caráter idealista que Quaresma tenta viabilizar na realidade histórica social brasileira. Experiências essas focalizadas por um narrador onisciente que, para alcançar o seu intento de desvelamento crítico-social, ora funde-se ora distancia-se da visão de mundo limitada da personagem protagonista.

Primeiro: Quaresma, inicialmente, é um aprendiz de violão: é aluno do seresteiro Ricardo Coração dos outros, compositor de modinhas à revelia de Bilac que, aliás, em vão lhe oferece uma. O violão no tempo da monarquia era instrumento por excelência popular, acompanhante das “modinhas” nas festas e danças tradicionais. Todavia, na realidade em que ele vivia, primórdios da implantação do progresso e da civilização, “o violão era sinônimo de vadiagem”: era condenado por si só, devido “a reação contra a serenata”, “presença constante nas rodas de estudantes boêmios” (SEVCENKO, 1999, p. 32), sendo que nos velhos tempo era “entregue a “escravos ou gente parecida” (BARRETO, 1983, p. 61). Tal fato denota o espanto da vizinhança quando o vê com o instrumento: “mas que cousa? Um Homem tão sério metido nessas malandragens!” (Ibid., p. 20). A irmã Adelaide também condena a sua postura conservadora: “– Policarpo, você precisa tomar juízo. Um homem de idade, com posição, respeitável, como você é, andar metido com esse seresteiro, um quase capadócio – não é bonito!” (Idem). Como mostra-nos o narrador “a educação” da velha irmão de Quaresma “não podia admitir que ele preocupasse a atenção de pessoas de certa ordem” (Ibid., p. 61). “À vista de tão escandaloso fato a consideração e o respeito que o Major Policarpo Quaresma merecia (...) diminuiram um pouco. Estava perdido, maluco, diziam” seus vizinhos ao vê-lo com o instrumento (Ibid., p. 20).

Logo, Quaresma, motivado pela vontade saudosista do general Albernaz de “sentir, de sonhar, de poetar a maneira popular dos velhos tempos”, foi em companhia do vizinho à casa da “tia Maria Rita, uma preta velha que morava em Benfica” (BARRETO, 1983 p. 102) para tentar resgatar lembranças da cantiga tradicional. Mas a falta de memória da velha senhora deixou-os tristes e desanimados. Nas pala-

---

social e de conduta moral, ainda vivos nos últimos anos da sociedade senhorial do Império” (SEVCENKO: 1999, p. 39). Neste sentido, Lima, por meio da deformação de Quaresma, fez-nos enxergar a sua própria concepção de arte, calcada no popular e em valores mais humanísticos entre os homens – valores esses destruídos pelo o novo modelo político de nação.

bras de Castro Rocha, “em lugar de arquivo ou matéria prima da nacionalidade, Maria Rita emerge como a imagem do esquecimento da história”, do passado (1998, p. 46). Depois de alguns dias, Quaresma, embalado em “desenvolver o culto às tradições”, resolve reagir a uma nova busca: procura agora um estudioso do nosso folclore, “um literato, teimoso cultivador dos contos e canções populares do Brasil” (Ibid., p. 32).

Entusiasmado pela cultura popular, comprou livros e leu tudo a respeito. Atitude que desembocou numa nova decepção: descobriu que “quase todas tradições e canções eram estrangeiras” (BARRETO, 1983 p. 34). Daí veio a célebre idéia de estudar os costumes tupi-nambás. Para descobrir nossas criações naturais, volta-se então para o estudo do “sistema de cerimônias e festas indígenas”: “organizou um código de relações de cumprimentos, de cerimônias domésticas e festas, calcado nos preceitos tupis” (Ibid., p. 35). Esses estudos resultam a petição (carta manifesto) solicitando ao “Congresso Nacional que decrete o tupi-guarani como língua oficial e nacional do povo brasileiro” (Ibid., p. 48). A situação estopim que acaba por complicar a vida de Quaresma é quando, por falta de atenção, traduz o ofício sobre o Mato Grosso para a língua tupi. Os vizinhos, Adelaide, Maria Rita, o literato, ou seja, todos desestabilizam a vontade de Quaresma de assegurar a continuidade da tradição, do passado.

Por causa dessas atitudes de querer fazer voltar os míticos valores dos índios, Quaresma é julgado (denominado) louco e acaba sendo internado como um doente patológico num hospício. Instituição, que, aliás, teve no século XIX a sua fase áurea. A psiquiatria nessa época era muito pouco científica e apoiava-se muito em observações empíricas: o menor desvio da suposta normalidade era pretexto para uma internação, principalmente, quando envolvia questões político-sociais. Podemos interpretar o enclausuramento de Quaresma como fruto de uma ação política motivada pela sua condição de “revolucionário” diante do novo tempo que valorizava uma nova ideologia de vida e costumes sustentados no cosmopolitismo. A luta contra os antigos hábitos coloniais era tão intensa a ponto de ter “perseguição policial contra o seresteiro em particular e o violão em geral” (SEVCENKO, 1999, p. 32). Tanto que Sevckenko comenta sobre o crescimento súbito (desorientador) dos aprisionamentos e do número de internamentos no “Hospício Nacional” (Ibid., p. 62). O mesmo autor elucidou-nos também que a imprensa era a instituição que mais instigava e aplaudia o trabalho das autoridades policiais contra os que não estavam seguindo os preceitos modernos.

Segundo: muda-se para o sítio Sossego. Nessa incursão (da cidade para o campo), deseja plantar e cultivar para demonstrar a fecundidade das nossas terras. Para Quaresma uma “forte base agrícola” era essencial à grandeza do país. Seu projeto sócio-econômico é baseado assim numa tentativa de redenção por meio do trabalho agrícola (OLIVEIRA, 1990, p. 95). Mas, antes de tudo, fez “exploração da nova propriedade”, “organização de um museu dos produtos naturais do Sossego” e de uma “biblioteca agrícola”, “fora os estudos que já tinha sobre ciências naturais, noções de Botânica, Zoologia, Mineralogia e geologia...” (BARRETO, 1983, p. 68). Só após esses estudos e avaliações Quaresma inicia seu empreendimento agrícola para provar a riqueza do solo nacional, “perfeitamente capaz de fornecer o sustento ao homem”.

Todavia dois obstáculos atingem essa experiência esmorecendo a crença do major: as formigas e as lutas políticas partidárias locais que denotam o problema do faccionismo e do coronelismo. Nessa labutação concreta do trato com a terra, descobre também “as causas reais do atraso brasileiro”. Desse modo, vê “com clareza o problema social da terra”, bem como “descobre que as instituições jurídicas consagram e defendem o latifúndio” (COUTINHO, 1974, p. 40).

Terceiro: trata-se da política republicana, a Revolta da Armada contra o governo Floriano. Quaresma, engajado na luta a favor do regime e do governo<sup>7</sup>, apresenta um documento ao Marechal propondo mudanças na legislação e sugerindo favorecimento de iniciativas de apoio à agricultura. Gesto que lhe rende uma grande decepção: seu ídolo político o chama de visionário. O narrador, nesse momento distanciado da personagem, nos mostra que o Marechal preserva a concepção de serviço público como coisa doméstica, em que vida pública se confunde com a privada. Vale destacar aqui que esse fenômeno é característico da formação social brasileira, “uma vez que a experiência latino-americana é mais bem definida pela hipertrofia da esfera privada, que costuma impor sua lógica mesmo no domínio do espaço público” (ROCHA, 1998, p. 104).

Em seguida, Quaresma é incorporado, de forma aleatória (como

---

<sup>7</sup> O ídolo de Quaresma, ironicamente, é Floriano Peixoto (“governo forte até a tirania”), ou seja, defende um governo que segue a “via prussiana”. A transformação do país que a personagem acredita, não é “num caminho democrático-popular, numa autêntica transformação ‘por baixo’, como nos mostra Coutinho (1974, p. 40)”. Ele parece reforçar a continuidade da mudança pelo alto. Até aí Quaresma estava preso aos mitos românticos – equivocados.

major), às tropas que defendem o governo. Não tendo o que fazer, passa o dia “no interior da casa que serve de quartel, lendo”. (...). “Comprou compêndios, mas, como sua instrução é insuficiente, da artilharia vai à balística, da balística à mecânica, da mecânica ao cálculo e à geometria analítica (...)” (BARRETO, 1983, p. 123). Logo, o major foi ferido em combate. Todavia, o fracasso maior dessa vez foi a prisão, pois denuncia ao marechal o massacre de alguns prisioneiros antiflo-rianistas por meio de uma carta. Afronta pequena para o tamanho do castigo que recebe: a morte por fuzilamento. Afinal desejava apenas proteger os fracos.

Nesses três momentos verificamos a desconstrução gradual da mitificação de Quaresma em relação à nação. Os mesmos evidenciam também que a fantasia de Quaresma, de sentido puro e redentor, penetra nos primórdios da realidade cultural, social e política republicana. Intervenção que o conduz a um jogo que alterna humor, devido a sua postura bizarra imposta pela realidade cotidiana, e tragicidade, na medida em que a sua fantasia incomoda as normas dessa mesma realidade carregada de contradições e vícios gritantes. A ânsia incondicional e inseqüente de Quaresma em concretizar, nesse meio de mentalidades preconceituosas e frívolas, uma outra verdade de Brasil, contraria o poder. Ele representa ameaça à ordem vigente. Sua transgressão, neste sentido, lhe custará um preço altíssimo. Importa assinalar que, durante a aventura séria de Quaresma, sua afilhada Olga e Adelaide (apesar de não aceitar as suas idéias) são personagens coadjuvantes que (como a ama, a sobrinha e, principalmente, Sancho em relação a Quixote) atuam como vozes da consciência fora dele: tentam persuadi-lo do perigo, do caminho fantasioso em que está enveredando, enfim, procuram trazê-lo sempre a realidade.

De um lado, observamos o idealismo ingênuo e até cômico de Quaresma que atinge, involuntariamente, essa ordem social política e, de outro, essa mesma ordem atingindo-o em cheio e voluntariamente. Um troco que vai da deformação de suas qualidades autênticas à morte mandada. É, assim, julgado e denominado louco, sendo que sofre de uma loucura muito mais moral e imposta do que de uma loucura mental e patológica. Sua loucura, ao contrário da de Quixote, abrange uma significação mais social e de denúncia do que particular. O drama e as aventuras de Quaresma envolvem circunstâncias de um povo, de uma nação, tem uma significação diretamente aplicada no contexto histórico-ideológico brasileiro.

Todavia, é curioso observar que a loucura de Quaresma, tal



como a de Quixote, apresenta duas faces: a da “prudente moderação” (sabedoria, cortesia, bondade, receptividade) e da “absurda imoderação” (o plano inflexível de mudar os preceitos e ideologias da nação – nacionalismo ufanista). Mas é essa segunda face que diferencia a loucura das duas personagens em questão. A “absurda imoderação” de Quaresma dialoga com uma realidade social. O patriota arremete contra alvos concretos e tem como inimigo o próprio *status quo*. Logo, suas idéias não estão tão incongruentes, tão “fora do lugar”, para parafrasear Schwarz, como as de Quixote, que se encontram basicamente numa esfera imaginária privada: a idéia fixa da personagem de Cervantes por si só (sem mediação com o real) não representa, como vimos, críticas à realidade e/ou sociedade espanhola. Fator que, na personagem brasileira, é o âmagô. Além disso, a “absurda imoderação” de Quaresma correlaciona-se ao debate nacionalista ufanista caracterizado no primeiro tempo republicano.

A nostalgia “contra a corrente” da personagem de Barreto pelo resgate do Brasil antigo é um dos discursos que imperava no início do Brasil republicano, palco das ações de Quaresma. Era um tipo de manifestação que aflorava na passagem das “relações social senhorial” para “relações do tipo burguês” (SEVCENKO, 1999, p. 35). É esse descompasso entre o antigo e o novo que os principais autores do período, como Lima Barreto, tentarão resolver em suas obras “para o bem ou para o mal” (Idem). O idealismo de autenticidade nacional de Quaresma é pauta comum, portanto, de discussão do Brasil no final do século XIX e início do XX. Ou seja, a sua idéia fixa de afirmação (“para o bem”) do mundo antigo versus a negação (“para o mal”) da civilização é uma das formas típica de reação no período instável e indefinido que envolveu a decadência do império e instauração da República, do Estado-Nação. Desdobramento esse importante, que coloca o Brasil em contraste “com as potências européias de história homogênea, política viril e objetivos definidos” (Ibid., p. 86).

Uma das formas de resposta originadas nesse momento de crise (de identidade) parece ser a mesma de Policarpo, que é “a mais simplista”, pois “consistia em sublimar as dificuldades do presente e transformar a sensação de inferioridade em um mito de superioridade: é a ‘ideologia do país novo’, o ‘gigante adormecido’, cujo destino de grandiosidade se cumprirá no futuro” (Ibid., p. 85). O idealismo de Quaresma foi, neste sentido, uma das formas de nacionalismo no Brasil do início do século XX, como nos mostra também Candido, no seu texto *Uma palavra instável*. Segundo Candido, a exaltação patrioteira

é notável em livros como *Porque me ufano do meu país* (1900) do Conde Affonso Celso, que como Quaresma, exprime “no grau de máxima exaltação e máxima ingenuidade esta visão tola e perigosa, que só mais tarde seria ironizada com o nome de *ufanismo*” (CANDIDO, 1995, p. 293). O autor ressalta, ainda, a xenofobia, a rejeição aos modelos europeus, a procura de originalidade como outras vertentes de nacionalismo na história brasileira que correlacionam com a idéia de nação de Quaresma.

A problemática de Quaresma (de romântico desiludido) em muitos aspectos rememora aquela vivida pela intelectualidade otimista, nomeada de “geração modernista de 1870”, como Silvio Romero, Olavo Bilac, Graça Aranha, Capistrano de Abreu, Euclides da Cunha e muitos outros. Vale ressaltar, antes de tudo, que a trajetória de Quaresma acontece num momento histórico em que o sistema político republicano já estava implantado, enquanto a trajetória desses intelectuais acontece antes desse modelo se consolidar. Esses homens desejavam substituir a sociedade antiga do império pela sociedade calcada no modelo republicano, que na sua essência significa liberdades cívicas, cidadania e solidariedade. Quaresma vivia, portanto, numa República avessa à que esses intelectuais tinham sonhado.

Mesmo sob realidades distintas, tanto o intelectual Quaresma como esses intelectuais “modernistas” de 1870 lutaram por um modelo de nação utópica e, salvo as diferenças, todos sofreram de miopia nacional. Explicando: essa intelectualidade com o mesmo ímpeto e entusiasmo exaltado de Quaresma buscava remédios para a mudança nacional. A diferença é que, enquanto as medidas progressistas da personagem estão cá e voltadas para o passado, pois defendia a idéia de país original contra imitação estrangeira, as atitudes desses homens engajados fazem parte do lá, ou seja, “voltaram-se para o fluxo cultural europeu como verdadeira, única e definitiva tábua de salvação, capaz de selar de uma vez a sorte de um passado obscuro e vazio de possibilidades e de abrir um mundo novo, liberal, democrático, progressista, abundante (...)” (SEVCENKO, 1999, p.78).

A personagem barretiana busca a substância autêntica do país pela eliminação de tudo o que não fosse nativo. Seu idealismo xenófobo

<sup>8</sup> Vê-se que a proposta nativista da personagem barretiana é de uma volta ao passado por si só, ou seja, indiferenciada. Proposta essa divergente da dos modernistas de 1922, que propunham “o eterno retorno em diferença” (do bárbaro tecnicizado, da floresta escolarizada) e não “eterno retorno do mesmo” (SANTIAGO, 2002, p. 126-127).

exprime o “nacional por subtração” de Schwarz (1987, p. 29)<sup>8</sup>. De modo oposto, o idealismo dos “mosqueteiros intelectuais” é sustentado no cosmopolitismo (mito da ciência), na medida que almejavam construir uma nação homogênea “cópia” da metrópole – do velho mundo. Ânimo ou crença ingênua que se esvai, pois a República que esses intelectuais “ajudaram a realizar como catalisadores de processos históricos tomou um rumo inesperado e contrário de suas expectativas” (Ibid., p. 92).

O modelo de país sonhado por esses homens (que baseavam no modo de vida e modernização das estruturas advindas da Europa) e por Quaresma (que baseava no modo de vida genuinamente brasileira) foi deformado, transformando-os em “paladinos malogrados”. Confirma-se, desse modo, que o problema ou a loucura de Quaresma é mais um problema nosso, da nossa formação como país que busca construir uma identidade nacional definida e original, sustentada seja nas nossas raízes, seja na imitação do modelo do outro. Em ambos os casos essa idealização termina em desilusão – fracasso.

E mais: a personagem de Lima Barreto configura nos três projetos constitucionais uma trajetória bipolar e instável. Em cada um desses projetos alternam-se, explicitamente, fases (“ciclos”) de otimismo e tristeza, entusiasmo e melancolia, equilíbrio e desequilíbrio. Observamos que os seus três empreendimentos são antecidos por muita leitura, pesquisa, observação e meditação dos livros. Momentos esses de isolamento subjetivo (solidão) que justifica sua “tendência à passividade” ou a “análise psicológica” (interior) (LUKÁCS, 2000, p. 118). Uma “alma ampla”, alimentada de idéias conservadoras e genuínas, adquiridas ao longo de quase trinta anos.

As reflexões e maturação desse “conhecimento pleno de causa” fazem Quaresma alicerçar um saber próprio do país, visto por ele como mais digno, mais grandioso, mais perfeito, mais coerente e mais acabado do que a degradada realidade que o cercava – a realidade social brasileira do período florianista. A realidade que trava contato com sua rica interioridade é, assim, totalmente vazia de sentido e/ou conteúdo. Quaresma trancafiado nos estudos e diante dessa realidade medíocre parece, *a priori*, apresentar uma “tendência de esquivar-se de lutas e conflitos exterior, e não acolhê-los, a tendência de liquidar na alma tudo quanto se reporta à própria alma” (Ibid., p. 118). Entretanto, essas “lutas e conflitos” não se restringem ao fundo de sua alma, na medida em que se alargam de forma aberta, romântica e impulsiva para o exterior.

Quaresma é um tipo de “consciência demasiado vasta para

contentar-se com o que o mundo da convenção lhe pode propiciar” (GOLDMANN, 1976, p. 10). A sua hipertrofia interior não o imune do conflito com o mundo – possibilidade que, segundo Lukács (2000), não está excluída nesse tipo de personagem. Essa elevação interior, evidentemente, é acompanhada pela elevação da sensibilidade, dos pensamentos e das vontades da personagem. Nas incursões objetivas, seus sentimentos tomam conta e esmorecem o seu bom senso (sentido lógico), tornando-o um ser movido mais pela paixão (coração) do que pela razão. Sua audácia, perseverança, energia e valentia são derivadas das suas convicções fortes adquiridas no profundo estudo sobre a nação. A hipertrofia da alma (eu), neste sentido, cega Quaresma para a diminuição, a humilhação, o desprezo e o desrespeito de si e de suas idéias pelo mundo cinzento cotidiano. Em outras palavras, durante sua trajetória idealista de caráter passional não percebe a deformação imposta pela realidade concreta.

Quaresma, dominado pelo seu idealismo, cujo sinônimo é a verdade e o bem-estar para a nação, quer tornar real o seu ideal: acredita fielmente que suas ações surtirão efeito positivo e produtivo quando incorporadas pela realidade mergulhada no estrangeirismo. Possivelmente pensava o seguinte antes de agir: se o meu ideal, meus pensamentos, podem ser a tábua de salvação para a minha amada pátria, por que não compartilhá-los com ela? E assim era impulsionado pela emoção a realizar o grande feito. A propósito, pergunto: será que Quaresma, por ter uma “alma ampla”, mesmo que inflexível, diante de um mundo sem essência, secretamente sabia da inevitável derrota dos seus atos? Tudo indica que não, pois como sujeito deformado, não adaptado às circunstâncias reais do seu meio e sim incrustado na sua fantasia, não pressentia a derrota.

Quixote, por ter uma “alma estreita”, vai com tudo ao encontro do mundo “cego de raiva”, objetivando vencê-lo no combate, para fazer voltar valer a sua posição de fidalgo e da Cavalaria. Regimentos que geravam bem-estar na idade média e que foram invalidados com o surgimento da (pré) modernidade. Quaresma por ter uma “consciência ampla” e romântica, ao contrário de Quixote, vai com tudo ao encontro do mundo, mas “cego de paixão”, objetivando melhorá-lo no sentido de recuperar a sua originalidade perdida com a implantação do novo regime político.

O efeito da ilustre intenção de Quaresma desemboca na violação, rejeição e massacre: esse mundo “atomizado ou amorfo” (LUKÁCS, 2000, p. 119) ao se sentir ameaçado, vai com tudo ao seu encontro

para derrotar e despedaçar os seus planos de redenção da pátria. A relação de Quaresma com o mundo, portanto, é oposta à de Quixote que, com todo ímpeto (devido à atrofia interior), tenta vingar-se dele. Neste sentido, o idealismo de Quaresma rompe-se em ações objetivas, ocasionando um choque involuntário com o mundo cotidiano “atrofiado”. Sua trajetória ilusória (romântica) vai sendo cada vez mais permeada pela desilusão. Quaresma será sempre derrotado pelas circunstâncias, não consegue levar nada até o fim. Seus empreendimentos são todos permeados pelo insucesso.

O alargamento subjetivo, a intensificação extrema do lirismo e a previsão inevitável do malogro são elementos mais evidenciados nos momentos finais da trajetória de Quaresma. Assistimos nesses momentos delirantes a “uma sofreguidão excessiva e exorbitante pelo dever-ser em oposição à vida e uma percepção desesperada da inutilidade dessa aspiração, uma utopia que, (...), sofre de consciência pesada e tem certeza da derrota” (LUKÁCS, 2000, p. 122). O clímax da “desilusão romântica” ou da “tristeza impotente diante de um mundo em si inessencial”, segundo as palavras desse autor (Ibid., p. 125), bem como a lucidez ou a autoconsciência de Quaresma, aparecem na carta que envia a irmã Adelaide:

“(...) Esta vida é absurda, eu já tenho medo de viver (...) penso que todo este meu sacrifício tem sido inútil. Tudo o que nele pus de pensamento não foi atingido, e o sangue que derramei, e o sofrimento (...) foram gastos, foram estragados, (...) foram vilipendiados e desmoralizados (...)”. Ninguém compreende o que quero, ninguém deseja penetrar e sentir, passo por doido, tolo, maníaco e a vida se vai fazendo inexoravelmente com sua brutalidade e fealdade”. (BARRETO, 1983, p. 145).

Diferente de Quixote, Quaresma morre executado e o seu *Triste Fim* é solitário: “Fora bom, fora generoso, fora honesto, fora virtuoso – ele que fora tudo isso, ia para a cova sem o acompanhamento de um parente, de um amigo, de um camarada...” (Ibid., p. 153). No calabouço vive momentos de profunda introspecção, sofrimento e, sobretudo, o reconhecimento devastador da inutilidade de sua ideologia sem apoio político e engendrada pelo fanatismo. No enclausuramento da prisão descobre o seu próprio enclausuramento interior. Momento de autocrítica e da compreensão tardia de sua ilusão de querer buscar valores autênticos em uma realidade degradada. Momento que abala e fragiliza sua crença ingênua e inflexível de lutar pela transformação histórica e social do país, individualmente. Lemos um desabafo de

alcance libertário, de esgotamento da excentricidade:

“(...) estava ali naquela masmorra, engaiolado, trancafiado, isolado dos seus semelhantes como uma fera, como um criminoso, sepultado na treva, sofrendo umidade, misturado com os seus detritos, quase sem comer... Como acabarei? (...) E a pergunta lhe vinha, no meio de revoada de pensamentos que aquela angústia provocava pensar. (...) O tempo estava de morte, de carnificina, (...). Iria morrer, quem sabe se naquela noite mesmo? E que tinha ele feito de sua vida? Nada. Levava toda ela atrás de miragens de estudar a pátria, por amá-la e quere-la muito, no intuito de contribuir para sua felicidade e prosperidade. Gastara a mocidade nisso, a sua virilidade também; e agora que estava na velhice, como ela o recompensava (...) Matando. (...) A pátria que quisera ter era um mito; era um fantasma criado por ele no silêncio do seu gabinete. (...)” (BARRETO, 1983, p. 151-2).

Neste momento Quaresma entende “que o seu problema não é com aquilo que chama pátria. O problema que tem é consigo próprio: o seu isolamento, a miragem em que vivera” (SCLIAR, 2003, p. 226). Vivera numa miragem, num encarceramento de fundo romântico que não o deixava enxergar o mundo. É só após a lucidez e a humilhação sofrida na prisão que Quaresma arrefece sua convicção ufana e enxerga a brutalidade desse mundo. É a partir daí que nasce o espírito de raiva e rebeldia extrema contra o mesmo. Todavia, na prisão, a revolta acontece dentro da alma, ou seja, o conflito contra o mundo acontece interiormente, substituindo o âmbito das ações.

Quaresma, portanto, é um tipo exemplar que exprime (explicitamente) na sua configuração amor/tragicidade, alegria/tristeza, coletivo/individual, idealismo/realismo. Contradições de alcance geral e específico: abrange questões humanas, universais e, principalmente, questões histórico-sociais, pois o idealismo da personagem de Barreto está dentro de uma “tradição realista autenticamente nacional” (COUTINHO, 1974, p. 2). Trata-se, pois, de um tipo criado para demolir com veemência as contradições da realidade política, social e cultural da época republicana brasileira.

Sua trajetória, como já ressaltamos, assemelha-se à situação vivida pelos “escritores cidadãos” de 1870 que passaram pelo entusiasmo idealista e pelo desânimo – inconformismo. Todavia, a personagem Quaresma, ao contrário da maioria desses homens engajados, passou por uma aprendizagem cruel, de acordo com a leitura de Sevcenko (1999, p. 178): passou do estágio ingênuo (nacionalismo ufanista) para o estágio concreto (ao reconhecer que a “pátria que quisera ter era um mito”) e entendeu a realidade e o seu fanatismo

inútil.<sup>9</sup> Por isso, a trajetória de Quaresma pode ser uma espécie de recado para essa *intelligentsia* presa a ideologias europeizadas: evidencia que o desenvolvimento da consciência crítica é o único modo de vencer as distorções e as mazelas do país. A personagem, ao mudar sua forma de olhar o mundo, exige que esses intelectuais dos gabinetes, das tribunas e das bibliotecas, que entendiam a literatura como uma prática estética aristocratizante, saiam da ilusão e da alienação para o contato direto com a realidade cotidiana crua, popular e miserável do país, para assim avaliá-la.

A passagem de Policarpo Quaresma, de ufanista para crítico da realidade nacional, pode significar também a necessidade de revisão da “mitificação característica do discurso apologético do espírito nacional” (CASTRO ROCHA, 1998, p. 46). O ofício de escritor para Lima Barreto, portanto, está dentro de uma perspectiva desmistificadora: afinal, a operação de mitificação nacional pretendida pela sua personagem – protagonista nos três “ciclos” – foi reduzida ao vazio, ao nada. A desconstrução desse “discurso apologético” foi resultado do seu estilo literário engajado e realista, nacional e popular. Afinal, a sua principal obra, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, é capaz de traduzir as fissuras e tensões da realidade do Brasil de ontem, na sua emergente fase republicana no início do século XX, e a do Brasil de hoje, ainda imerso nesses mesmos problemas políticos – sociais. Considerado o pioneiro desse estilo participante no Brasil, Barreto é, assim, considerado o iniciador da “linha do realismo crítico nacional-popular na literatura (...) do nosso país” (COUTINHO, 1974, p. 55).

#### 4. Triste Fim das Tristes Figuras

O modo de ser e agir de Quixote e Quaresma, analisado acima, denota que lutam por um mundo nostálgico, avesso ao mundo cotidiano que lhes servia apenas como substrato de suas batalhas. Batalhas que, de acordo com Lukács (2000, p. 101), não são “uma verdadeira batalha, mas um grotesco desencontro recíproco ou um embate igualmente grotesco”. Na verdade, é um pseudo embate, pois a implausi-

---

<sup>9</sup> Devemos ressaltar que Euclides da Cunha é um exemplo de intelectualidade que, tal como a personagem barretiana, reformulou suas posturas. Em *Canudos* (como repórter), teve uma visão oposta da que outrora possuía acerca da República – essa incursão à realidade efetiva representou para ele uma experiência de revelação. Euclides, até certo momento, foi um patriota visionário – era a tal ponto fanático pelas idéias republicanas que, no tempo monárquico, chegou a ser expulso do exército por pensar diferente.

bilidade do comportamento deles diante do mundo de alienação social exprime a pequenez e a pouca precisão de suas ações – uma insignificância dos percalços interpostos. Suas ações sublimes, portanto, tornam-se canhestras. Logo, a postura heróica de desejar renovar o mundo converte-se em uma postura anti-heróica, por causa do descompasso grotesco dos seus atos imbuídos de originalidade e confiança em si mesmos. Atos de grandeza, porém despendidos num mundo alheio aos seus ideais. Isso explica o fracasso e a degradação do idealismo das personagens em questão.

Cabe destacar, mais uma vez, que a grande diferença entre Quixote e Quaresma é que a idéia fixa do primeiro, ao contrário do segundo, não retém em nada o contexto de nação a que pertence. Enquanto a trajetória de Quixote, mesmo que nutrida pela realidade comum, nos conduz diretamente ao seu idealismo de ser cavaleiro andante, a trajetória de Quaresma é totalmente interposta pela realidade do Brasil da Primeira República. Isto é, essa realidade é “re-produzida” ou “re-significada” estruturalmente na narrativa de Lima Barreto. Assistimos, enfim, na configuração da personagem de Barreto, à própria vocação empenhada do intelectual brasileiro de sempre discutir nas obras literárias os nossos problemas reais e complexos.

Candido (1975, p. 18), num corte horizontal de mestre, confirma a discussão em torno dessas duas personagens modernas: “A literatura do Brasil, como outros países latino-americanos, é marcada por esse compromisso com a vida nacional no seu conjunto, circunstância que inexistente nas literaturas dos países de velha cultura”.

PAULA, J. F. C., Quixote e Quaresma: contrary and sensitive inadequacies

**Abstract:** *This essay aims at establishing a comparison between the emblematic characters Dom Quixote, by Cervantes and Policarpo Quaresma, by Lima Barreto. The similarities and mainly, the differences between them will be discussed in the light of George Lukács's Teoria do Romance (2000). The difference between the Brazilian literature and foreign literature conceptions is understood through the configuration of the two characters: while the building of Quaresma shows a social-political cultural context, the building of Quixote is free of problems related to the representation of the Spanish reality.*

**Keywords:** *inadequacy; idealism; comic adventure; serious adventure; identity, degradation.*



## Referências

AUERBACH, Erich. A Dulcinéia Encantada. In: Mimesis: **A representação da realidade na literatura ocidental**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

\_\_\_\_\_. A saída do Cavaleiro cortês. In: Mimesis: **A representação da realidade na literatura ocidental**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

ANDERSON, Benedict. **Nação e Consciência Nacional**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.

BARRETO, Lima. **Triste Fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: Ática, 1983.

CERVANTES, Miguel de. **Dom Quixote**. Tradução de Viscondes de Castilho e Azevedo. São Paulo: Nova cultura, 2003.

COUTINHO, Carlos Nelson et al. O significado de Lima Barreto na literatura Brasileira. In: **Realismo e Anti-realismo na Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

CANDIDO, Antonio. Uma palavra instável. In: **Vários Escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

\_\_\_\_\_. Prefácio da 1ª edição. In: **Formação da literatura brasileira**. 1º vol. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.

DANTAS, San Tiago. **D. Quixote**: um apólogo da alma ocidental. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1979.

FUENTES, Carlos. **O elogio da incerteza**. Folha de S.Paulo, São Paulo, 9 out. 2005. Caderno Mais!, p. 3. Tradução de Luiz Roberto Mendes Gonçalves.

GOLDMANN, Lucien. Introdução aos problemas de uma Sociologia do Romance. In: **Sociologia do Romance**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1976.

HOBSBAWM, Eric J. A nação como novidade. In: **Nações e Naciona-**

**lismo desde 1780**: programa, mito e realidade. Tradução de Maria Celia Paoli e Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

LUKÀCS, Georg. **A Teoria do Romance**. Tradução de José Marcos M. de Macedo. São Paulo: Duas cidades/ Ed. 34, 2000.

ONÍS, Federico de. Prefácio. In: **D. Quixote de La Mancha**. Tradução de António Feliciano de Castilho. São Paulo: Ed. Brasileira, 1956.

OLIVEIRA, Lippi Lúcia. Ufanismo: versão otimista da nação. In: **A questão nacional na primeira República**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.

ROCHA, João Cezar de Castro. O verbo e o gesto. In: **Literatura e Cordialidade**: o público e o privado na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

SOUZA DIAS, Carmem Lydia de. Quaresma/Ressurreição (prefácio). In: **Triste Fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: Ática, 1983.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SCHWARZ, Roberto. Nacional por Subtração. In: **Que horas são?** Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SCLIAR, Moacyr. A melancolia chega ao trópico. In: **Saturno nos trópicos**: melancolia européia chega ao Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANTIAGO, Silviano. A permanência do discurso da tradição no modernismo. In: **Nas malhas da letra**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

VELLOSO, Mônica Pimenta. As tradições populares e o subúrbio: a visão de Lima Barreto. In: **As tradições populares na belle époque**. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1988.